

## **“O MILAGRE DO SENHOR DO BONFIM”: A TRAJETÓRIA DE BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA<sup>1</sup>**

Emanuel Bonfim Aguiar Silva<sup>2</sup>

Resumo: Este artigo tem como foco a trajetória de vida do intelectual sergipano Bernardino José de Souza, um dos principais homens de tetras com forte atuação no Instituto da Bahia e na UFBA.

Palavras-chave: trajetória de vida, Bernardino José de Souza, história.

### **"THE MIRACLE OF THE LORD OF THE BONFIM": THE TRAJECTORY OF BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA**

Abstract: This article focuses on the life trajectory of the Sergipean Bernardino José de Souza, one of the main men of Tetras with a strong presence in the Bahia Institute and UFBA.

Key words: life trajectory, Bernardino José de Souza, history.

Bernardino José de Souza, professor de geografia, historiador e etnógrafo Sergipano, nasceu no Engenhão Malta de propriedade de seu pai em uma pequena cidade conhecida como vila Cristina, (atual Cristinápolis) na província de Sergipe no dia 8 de fevereiro de 1884, filho do coronel Otávio de Souza Leite representante da aristocracia do império e Filomena Maciel de Faria. Bernardino, o quarto filho do casal recebeu o nome da avó paterno, que na época possuía honras de tenente de cavalaria de milícia, onde ao lado de seu parente capitão-mor João D' Antas, marchava na luta pela submissão da província de Sergipe à causa da independência. Logo depois do nascimento, sua mãe, Dona Filomena desloca-se à capital da Bahia (Salvador) a fim de cumprir promessa ao santo padroeiro Senhor do Bomfim, onde lá iria assistir uma missa pela graça alcançada.<sup>3</sup>

Bernardino José de Souza foi homem que representou muito bem o nordeste brasileiro. Alguns intelectuais, extraído Paulo Freire opinavam

<sup>1</sup> Esse artigo foi parte do TCC em História sob a orientação do Prof. M. F. J. Santos.

<sup>2</sup> Graduado em História pela FJAV.

<sup>3</sup> SANTOS, Gilfrancisco dos. Bernardino José de Souza: grande cientista social. In: *SecBahia*. 2009. Disponível em: <http://secbahia.blogspot.com.br/2009/05/bernardino-de-souza.html>

sobre as qualidades deste homem nascido no campo, porém com grande potencial, Bernardino, dizia Paulo não tinha a “maciez” dos baianos, nem tão pouco dos “amaciados” pela Bahia, foi sim um sergipano cheio de ímpetos, como também de violências postos a serviço das grandes causas. Aprendeu as primeiras letras na fazenda onde morava com seus pais e irmãos, com auxílio da professora Maria Sá Cristina de Gouvêa.

Seu pai, o coronel Otavio de Souza, o conduziu até a capital baiana em 1897, quando tinha somente doze anos de idade, a fim de interná-lo no colégio Carneiro Ribeiro, localizado na ladeira da Soledade. Matriculou-se no ano de 1900 na Faculdade Livre de Direito da Bahia (hoje esta instituição é incorporada a Universidade Federal da Bahia). Com muitos esforços torna-se bacharel em 6 de dezembro de 1904, onde foi escolhido pelos colegas orador da turma, por ter sempre se destacado frente aos formandos. No mesmo ano de sua formatura, em 8 de julho, casou-se com Maria Oliveira Carneiro de Souza, e logo iniciou seus trabalhos como professor, sendo agraciado com as matérias que ele mais tinha preferência: geografia no ano de 1905 e História Universal e do Brasil em 1906. Isso ocorreu em um dos mais conceituados colégios da Bahia, Carneiro Ribeiro, onde também nesse último ano recebeu o convite para reger uma das cadeiras do Instituto de Ciências e Letras. Em seguida inscreveu-se na Faculdade de Direito para concurso de lente substituto da 2ª seção, conseguindo aprovação, foi nomeado pela congregação em 5 de abril de 1915, como professor catedrático de Direito Internacional Público; Diplomacia e Direito Internacional Privado e Direito Público e Constitucional. Passou a ser lente extraordinário da 1ª seção e de Enciclopédia Jurídica, em virtude da lei orgânica do ensino de 1911. No ano de 1905/1906 foi eleito deputado estadual pelo partido republicano da Bahia, PRB, fundado em 1901 por Severino Vieira, ex-governador da Bahia (1900-1904).

Em seguida, no ano de 1907/1908 foi reeleito deputado estadual pelo mesmo partido. Bernardino de Souza demonstrou ser um bom orador, portanto uma brilhante carreira política lhe aguardava. Foi quando em 1907 o inesperado aconteceu: seu partido sofreu uma decadência, porém

Bernardino num gesto de fidelidade ao seu partido acompanhou o seu chefe político. Recebeu convite para lecionar Geografia e História no educandário dos padres, Escola Normal, como também em diversos estabelecimentos de ensino particular. Foi catedrático de história universal do ginásio da Bahia, onde foi diretor á 30 de maio de 1925, pedindo demissão a 18 de outubro do mesmo ano. Bernardino de Souza tornou-se diretor da Faculdade de Direito da Bahia de 1929 á 1934.

Em 15 de abril de 1931, Bernardino José de Souza inaugurava o palácio sede da Faculdade de Direito da Bahia, trabalho árduo que consagrava Bernardino de Souza, homem de ação benemérita, capaz de vencer as resistências do meio, a incompreensão de muitos, a difamação. Não foram somente trabalhos de organização e direção. Acompanhado de sua família percorreu vários interiores da Bahia a fim de angariar fundos (donativos). Sua senhora e seus filhos realizavam números de arte. Ele e os universitários que os acompanhavam, compunham espetáculos cuja renda era revertida daquele empreendimento e conseqüentemente daquele povo. A casa da Bahia “e a faculdade de Direito são obras definitivas que constituem dos maiores e mais belos edifícios da capital baiana e que consagrou Bernardino de Souza homem digno de honras. “A casa da Bahia” disse o desembargador Adalício Nogueira; e sua estátua viva, a personalização de sua vontade e da sua forma, a cristalização de sua energia milagrosa.”

No ano de 1931, Bernardino de Souza ocupou o cargo de secretário do interior, justiça, instrução, saúde e assistência pública. Posteriormente foi nomeado a 9 de março pelo governo provisório, juiz da câmara de reajustamento econômico, onde foi presidente de 27 de julho a 31 de março de 1937, quando ocorreu a transferência de sua residência para o Rio de Janeiro. Em 18 de março de 1937 foi nomeado com o cargo de magistrado interno ministro do Tribunal de Contas da União. No ano seguinte (1938) participou do terceiro Congresso de História Nacional, realizado de 19 a 28 de outubro, com a tese o Pau-brasil na história nacional, onde foi publicado no ano seguinte (1939). Participa como presidente da comissão organizadora do IX Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em Florianópolis (1940).

Como homem apaixonado pela geografia, desde cedo Bernardino de Souza atuou nesse campo. Foi um homem preocupado com as discussões dessa ciência em princípios do século XX. Uma prova disso é que ele participou ativamente do Primeiro Congresso de Geografia. Nesse Congresso, reunido em 1909 no Rio de Janeiro, declarou o que define sua orientação na disciplina era “a remodelação do ensino da Geografia, propondo a criação de uma cadeira de Geografia Física”. Ele não se conformou somente com o estudo descritivo, propondo que a geografia fosse algo de vivo dentro do povo, integrada nas ciências sociais. Era uma maneira de expressar o amor que sentia pela terra.

Bernardino de Souza, homem que nunca saiu do Brasil, não participava da política internacional, porém conhecia o mundo sem sair do seu gabinete. Era um geógrafo completo que entendia dos recursos naturais, do psicológico dos povos, suas relações com uma visão assombrosa, onde através de suas experiências previa os acontecimentos quando lecionava geografia e em família, não chegando a publicar, pois se estivesse teria merecida admiração.

Oriundo da aristocracia agrária distanciou-se das origens numa integração independente da sociedade burguesa das principais cidades do país. Bernardino José de Souza diante de seus títulos e de todas as suas obras escritas, em sua trajetória de vida foi total felicidade.

Homem do campo, de família totalmente tradicional, ligado a terra. Nascido em Engenhão, em suas andanças nunca perdeu o sentido da vida no campo, pois este lhe estimulava e inspirava em vários de seus estudos. Portanto fazia o que vivenciou. Apesar de ser professor de Direito, diretor de faculdade, não foi à ciência jurídica que o cativou. Ensinava Direito Internacional Público, às vezes inteiramente na condição de professor de Direito Constitucional e Administrativo. Diante dos rigores e exatidão que trazia consigo, tinha sempre em si o historiador, sendo assim seus ensinamentos não o seduziram, homem sereno e honesto, conhecia tudo profundamente o que ensinava; sendo assim as matérias que trabalhava como Direito, Geografia e História eram transmitidas com muita clareza e

exatidão.

O autor Bernardino de Souza aparentemente gostava muito do que fazia. É provável que tivesse uma paixão, que era a sua razão de ser. Segundo seus biógrafos, Gilfrancisco Santos e Luiz Antônio Barreto, ele declamava para todos que gostava de falar da terra e da gente do Brasil. Sua trajetória intelectual demonstra que ele era homem que gostava de agir, pois não concentrava somente nos afazeres intelectivos e por isso suas vontades estavam sempre voltadas para realização de seus ideais.

Bernardino de Souza ao retornar de férias do colégio que foi internado na capital baiana para sua terra natal, confessou a sua mãe, dona Filomena, que não queria mais estudar. A velha metrópole da Bahia nos começos da República chegou a lhe causar espanto. Era apenas um menino da zona rural sergipana assustado com a efervescência de Salvador em fim de século. Ao ouvir os lamentos do filho, de imediato sua mãe contou a notícia para o seu pai que era um homem muito rigoroso. É provável que o suspense pairasse na família. No entanto, a matriarca ficou muito surpresa com reação do esposo. Pois o patriarca da família não tardou em reagir. Na madrugada do dia seguinte, ele ordenou ao carreiro da fazenda que quem iria tanger os bois do campo seria o filho, pois não deseja mais estudar. Alegre com a nova incumbência, o meninote ia à frente com a vara no ombro e com os pés descalço, cumprindo a ordem do velho carreiro. O árduo trabalho já mostrava os primeiros sinais de cansaço e os picos de canas começaram a penetrar pelos seus pés, quando sentou-se no carro. Porém, as instruções que o carreiro recebera do coronel Otávio é que ele deveria trabalhar como os filhos do carreiro do engenho. Portanto, os rigores do trabalho não podiam ser interrompidos. O almoço deveria ser na lata do carreiro e se alimentaram com alguns fiascos de carne-seca com farinha grossa.

Ao entardecer, quando chegava a sua casa com os pés inchados, queimado do sol, recebeu uma nova notícia do carreiro dizendo que no dia seguinte no mesmo horário e nas mesmas condições ele teria que está ali para cumprir as obrigações estabelecidas por seu pai. Bernardino de Souza

apelou para sua mãe livrá-lo de tão duras provas. Sua mãe presenciando todos aqueles maus tratos com seu filho começou a chorar, pedindo ao seu marido para suspender as ásperas tarefas. O coronel Otávio não aceitou o pedido de sua esposa e reafirmou que o serviço teria que ser realizado a menos que ele retornasse ao internato. Bernardino de Souza resolveu retornar ao internato ao término das férias. O episódio teria ficado gravado em sua memória e ao narrá-lo muitos anos depois ficou com os olhos rasos d'água, mas satisfeito com os ensinamentos obtidos naquela ocasião. A sua obsessão pelos estudos teve um grande empurrão do velho pai.

Foi com muito entusiasmo e gratidão, por ter vivenciado as coisas do passado principalmente, do engenho que meio século depois desse episódio Bernardino de Souza planejou e executou a grande pesquisa sobre o carro de bois. Seria a pesquisa que marcaria sua trajetória intelectual.

Bernardino José de Souza é um sergipano desconhecido de seus conterrâneos. Apesar de seus vários méritos, suas obras são pouco referenciadas em seu estado natal, mesmo sendo obras que foram reconhecidas pela crítica contemporânea e pela posteridade. Sua indomável energia conseguiu um vasto painel cheio de variantes no tempo e espaços e transformou em obra monumental de pensamento a um só tempo; inspiração para o artista e vasto instrumento de trabalho para o cientista social.

Seu vasto material circulou por várias escolas do Brasil destacando-se as seguintes obras: Limites do Brasil (1911), Coreografia de Piauí (1912), O elogio de Rio Branco (1913), O Município de Abadia (1922), A Bahia, conferência a respeito das condições geográficas da Bahia (1928), Dicionário da terra e da gente do Brasil, o Pau-brasil na história nacional (São Paulo 1939) e o Ciclo do carro de bois no Brasil (São Paulo 1958).

Quando se trata de autores consagrados, não podemos deixar de destacar Bernardino José de Souza com suas extraordinárias obras como uma consagrada que foi o Pau-brasil na história nacional, pois nele encontrava-se o estudo vivo da geografia humana, contidos toda influência econômica e social do Brasil. Rigoroso trabalho de pesquisa suficiente para

mudar o conceito do Pau-brasil estava atrelado ao século XVI. No entanto, a documentação revelava que o ciclo veio até o último período do século XIX, independente das plantações de cana e fabricação do açúcar.

O professor Bernardino de Souza ressaltou a importância desse trabalho para o conhecimento dos ambientalistas, pois se sabe que a preservação do meio ambiente é fator essencial para a humanidade. No entanto, o Pau-brasil era muito procurado nos tempos coloniais por portugueses e outros povos que aqui exploraram. Era utilizada para extrair um corante para tingir tecidos e fabricar tinta de escrever, enquanto hoje a árvore rara é exportada em pequena escala. Este livro é resultado da tese apresentada por incumbência do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para o III Congresso de História Nacional, publicado em 1939, onde foi acrescido de um capítulo do cientista Artur Neiva e de um parecer de Oliveira Viana, tendo como responsável pela edição o historiador e professor Américo Jacobina Lacombe, Diretor da Coleção Brasileira.

O autor apresentou uma tese no I Congresso Brasileiro de Geografia ficando denominado como “nomenclatura geográfica peculiar ao Brasil” em sua (1ª edição Bahia, 1910, 2ª edição, “Dicionário da terra e da gente do Brasil”, Bahia 1912), em sua terceira edição chamou-se “Onomástica geral da geografia brasileira” (Bahia, 1927). Este dicionário surgiu da necessidade que o autor sentiu quando consultava os dicionários da língua portuguesa e via que existia uma grande deficiência em relação aos termos formados ou adaptados ao uso brasileiro, especialmente no que se refere aos termos geográficos e etnográficos. Portanto, em raro encontram termos empregados em diferentes regiões do país. O escritor Afrânio Peixoto define muito bem o livro: “neste, de geografia, vai uma grande história. De geografia sim, com efeito, mas no seu amplo sentido, desde a expressão física até a aplicação humana.”

Dicionário precioso que para ser convertido passou por vários nomes, grandes e pequenos, todas as obras de ciência e de arte, todas as lições de mestre, informações de viajantes, historiadores, geógrafos, antropólogos, sociólogos, políticos, poetas, que tem falado ou escrito nesse



território brasileiro. Pessoas ilustres, colaboradores brasileiros de todos os quadrantes contribuíram para realização desta obra, entre os quais podemos citar: Laureados de Pandiá, Calógeras, Américo de Almeida, Alcide Jubé, José de Mesquita, Mário Melo, Paulo Eleutério, Henrique Jorge Hurley, Antonio Lopes, Gen. Borges Fortes, Carlos Chiacchio e tantos outros. A edição e o número de cola - abordagem aumentava cada vez mais fazendo com que o autor aumentasse o desejo da realização da obra.

Seu livro póstumo – “Ciclo do Carro de Bois no Brasil” apresenta muitos pontos de contato com as obras materiais que realizou. È uma pesquisa em profundidade, com material planejado e reunido pelo autor, material este que normalmente exigiria uma equipe distribuída pelos quatro cantos do país. A energia indomável de Bernardino de Souza conseguiu emoldurar um vasto papel, cheio de variantes no tempo e espaço, e transformado em obra monumental de obra e pensamento a um ó tempo. Bernardino de Souza começou a fazer investigações sobre o carro de bois, a colheita de material, as conversas e troca de ideias com as pessoas, as primeiras correspondências enviadas para o interior, foi o prelúdio do extraordinário esforço de que ressaltou esta obra monumental (O Ciclo de carro de Bois no Brasil).

O Carro de Bois foi o primeiro transporte a ser utilizado nas terras do Brasil, foi introduzido pelos portugueses onde era utilizado nos canaviais e engenhos monopolizando quase todo o transporte por terra no Brasil (século XVII e XVIII), atingindo o século seguinte (XIX). Com o surgimento do transporte mecanizado, das ferrovias, o carro de bois continuou sendo usado no século XX no interior. O projeto para realização desse livro surgiu da saudade da vida no interior, do engenho, das muitas lembranças da sua infância. Contudo, este desejo exigiu todas suas reservas de homem de ação, do historiador, do geógrafo e do folclorista. Portanto este projeto constitui um reencontro com as coisas do seu passado, “Ciclo do Carro de Bois no Brasil” foi escrito com o mais completo rigor científico utilizado para compreensão da vida econômica do país na época.

Bernardino de Souza começou a receber as primeiras miniaturas



de carros, de peças que possuíam grande interesse e esclarecimentos para formatação do seu trabalho. As respostas das cartas começaram a surgir dos amigos que residiam em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, às vezes com perguntas e dúvidas relacionadas ao assunto. Foi aí que Bernardino de Souza teve a ideia de imprimir um questionário e distribuí-lo por todo o Brasil, entre as pessoas com experiência na vida agrária. O autor estudou as questões e reservou nas páginas espaços para respostas. Tudo foi realizado em pouco tempo, não tardando o início das remessas para o interior. As primeiras respostas agradavam ao pesquisador incansável que logo em seguida estabeleceu um critério de aproveitamento do material que tinha recolhido.

O professor Teodoro Augusto Werner recolheu as fotografias e gravuras para ilustração. Logo depois, Bernardino de Souza e Teodoro deram início a procura de documentação em revistas, livros, nos arquivos, nas bibliotecas, onde foram descobertas inúmeras ilustrações.

Souza agradeceu a ajuda que obteve de todo o quadrante do país, as entidades públicas e particulares, departamentos oficiais (Conselho Nacional de geografia, Instituto do Açúcar e do Alcool), prefeituras municipais, departamentos estaduais de estatística (Maranhão, Sergipe, Bahia, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), associações (Sociedade Nacional de Agricultura, Sociedade Rural Brasileira (São Paulo), Sociedade Auxiliadora de Pernambuco e Institutos Históricos e Geográficos de vários estados. Aos pesquisadores, intelectuais, agricultores e fazendeiros Bernardino de Souza trabalhou durante quatro anos para concluir a tarefa, mas como nem tudo é perfeito vieram às desilusões quanto à publicação imediata. Órgãos de cultura, editoras e instituições interessaram-se pelo livro, porém o autor Bernardino de Souza não viu seu maior projeto ser publicado. Tudo isso fez com que sua saúde fosse cada vez mais se agravando. O ano de 1948 foi completo de sofrimento físicos e morais. Suas forças já se esgotavam. O intelectual sergipano encontrava-se extenuado. No dia 11 de janeiro de 1949, momentos antes de falecer, ele recordou do livro inédito. Quando dava seus últimos suspiros recomendou ao filho em

dizendo-lhe “estás no tribunal de contas os originais do carro de bois”. Aquilo vale alguma coisa.

Bernardino de Souza deixou viúva, Maria Olívia Carneiro de Souza (Funcionária da ONU nos EUA), Selene Maria de Souza Medeiros (poeta) e Sindoro Carneiro de Souza (engenheiro civil) e mais dez irmãos. Morria o intelectual, mas seu legado permanecia por meio de suas obras.